

# A BUSCA PELO SENTIDO DA VIDA EM MEIO A EXCLUSÃO: UM ESTUDO LOGOTERÁPICO COM PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA

## THE SEARCH FOR THE MEANING OF LIFE AMIDST THE EXCLUSION: LOGOTERÁPICO A STUDY OF PEOPLE IN HOMELESS

Lívia dos Santos Campos

*Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC Jequié*

Luane Seixas Pereira Cunha

*Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC Jequié*

**Resumo.** A situação de rua ainda busca descortinar as estigmatizações atribuídas a ela ao longo do desenvolvimento da sociedade. Os dialetos construídos a respeito dos processos de inclusão/exclusão abrangem cada vez mais, novas perspectivas e possibilidades de fatores causadores da migração às ruas. Desta forma, a vivência neste contexto, produz um sofrimento intenso e desumano, conduzindo os indivíduos a indagações e questionamentos do próprio sentido da vida. A compreensão da possível existência de uma força motivadora que impulsiona e faz com que os indivíduos consigam superar as dificuldades e as condições desfavoráveis, são discutidas teoricamente e apresentadas neste artigo, através da logoterapia, da dinâmica social e dos fenômenos humanos inclusos neste processo.

**Palavras-chave:** logoterapia; sentido da vida; situação de rua; exclusão social.

**Abstract.** The homeless also seeks to unveil the stigmatization attributed to it throughout the development of society. The dialects constructed about the processes of inclusion/exclusion cover increasingly new perspectives and possibilities of the factors causing migration to the streets. Thus, the experience in this context produces an intense an inhumane suffering, leading individuals to inquiries and questions the very meaning on life. Understanding the possible existence of a motivating force that drives and makes individuals able to overcome difficulties and unfavorable conditions are theoretically discussed and presented in this article, through speech therapy, social dynamics an human phenomena included in this process.

**Keywords:** speech therapy; meaning of life; homeless; social exclusion.

## INTRODUÇÃO

**E**sta pesquisa objetiva compreender de que forma os indivíduos em situação de rua encontram subsídios facilitadores a manutenção das suas vidas e as perspectivas geradoras do esforço para suas sobrevivências. Através do estudo sociológico e das bases do olhar logoterápico são construídas e abordadas questões concernentes a vivência, as sensações, e as percepções dos indivíduos a respeito das forças motivadoras que impulsionam e dão sentido as suas vidas.

O desejo de inserção nesse contexto veio a partir de um olhar mais afixado e sensibilizado para as ruas que estão cada vez mais se tornando palco da degradação humana e alvo das mais variadas consequências e significações ocultas produzidas pelo processo evolutivo da sociedade. Em termos mais amplos, há uma carência de atribuição à devida relevância a esta problemática social, o que é observado com a escassez de trabalhos voltados para essa população, como também da maneira como este tema ainda é abordado e estigmatizado, gerando a ausência de possibilidades resolutivas, o que contribui de certa forma, para o crescimento exacerbado de indivíduos incluídos neste contexto.

Dessa forma, o presente artigo não se constrói apenas a partir das questões sociológicas, mas também da compreensão da história de vida de cada sujeito de maneira singular, das relações de afetos construídas e dos significados ocultos que o indivíduo atribui a suas vivências. A necessidade de conquistar mais um espaço voltado a esta população, pode desmistificar preconceitos e contribuir para uma sociedade mais humana e sensibilizada.

Para contextualizar a exclusão, e todo

processo que contribui para a sua existência na sociedade, é necessário considerar diversos conceitos e fatores que paralelamente dão amplitude a toda essa problemática. Muitos dos estudiosos e pesquisadores, afirmam que o conceito de exclusão se deu a partir das teorias de René Lenoir, que atribui a esta, variadas causas que interligadas geram a sua legitimação.

Neste sentido, os autores pesquisados Wanderley (1999), Xiberras (1993), Hunter (2000) e Mazza (2005) sustentam a ideia do conceito de exclusão como uma somatória de fatores que abrangem os aspectos sócio econômicos, culturais, históricos e que consideram a dinâmica dos indivíduos na sociedade como precursores dos processos excludentes.

Durante sua existência o ser humano utiliza recursos internos que possibilitam o enfrentamento das dificuldades e o impulsiona em direção a sua continuidade existencial. No contexto da exclusão, isto não se torna diferente. Diante dos percalços enfrentados cotidianamente pela população de rua, como a extrema miséria, vulnerabilidade à violência, a predisposição a doenças e principalmente a incerteza de um futuro próximo, ainda assim, os indivíduos que vivem nessa situação, encontram também subsídios e motivos, que garantam a sua sobrevivência e que não o fazem desistir das suas vidas.

O alto e exagerado consumismo vem conseguindo em progresso, satisfazer as necessidades e não necessidades da maioria dos indivíduos, porém diante de um contraste social, existem aqueles que mesmo imersos na sociedade, vivem à margem dessa satisfação, como é o caso da população em situação de rua. Mas o que então existe de mais pleno e concreto

introspectivamente nesses indivíduos que ajudam na vontade de sobrevivência? Seria realmente o sentido, fonte de toda motivação? Para Viktor Frankl criador da logoterapia, o sentido da vida é um desses recursos internos que todo indivíduo busca e que então, é a grande chave para a manutenção subjetiva da vida humana.

Segundo Frankl (1990), “o peso maior não é ônus financeiro, e sim as pressões psíquicas sofridas pelos desempregados”. Sumariamente, independente de quaisquer circunstancia e condição favorável ou não, o indivíduo tem sempre o desejo de encontrar um sentido que serve como força motivadora conseguindo-o por três vias: (1) criando um trabalho ou realizando um feito notável (2) experimentando um valor, algo novo, ou estabelecendo um novo relacionamento pessoal; e (3) pelo sofrimento, adotando uma atitude em relação a um sofrimento inevitável, se tem consciência de que a vida ainda espera muito de sua contribuição para com os demais.

A partir disto, buscou-se compreender quais os sentidos existentes nos sujeitos que vivem em situação de rua, que possibilitam a manutenção das suas perspectivas e o esforço para sua sobrevivência, creditando e considerando as histórias, os motivos e as circunstancias que os levaram a estar neste lugar (a rua), bem como o enfretamento singular da vida cotidiana nas ruas. Por este motivo, o estudo e a compreensão dos aspectos sociais e das consequências agravantes de todo esse processo, torna-se relevante para a sociedade contemporânea já que esta se encontra em avanço desordenado, perdendo e desconhecendo a sensibilidade de olhar para o outro com mais humanidade.

Todos os aspectos pesquisados nesse artigo têm por propósito garantir uma perspectiva positiva para tais indivíduos, através do sentido existente em cada um, concluindo que os resultados encontrados possam contribuir para os profissionais que queiram atuar nessa área, bem como com um convite à sociedade num todo a serem sensibilizados a agir solidariamente pela garantia dos direitos mínimos de sobrevivência e dignidade humana.

Para construir as discussões das questões acima organizo o artigo em três seções. Na primeira, abordo acerca dos processos excludentes e dos seus agravos na constituição da sociedade contemporânea. Em seguida, na segunda seção, faço considerações acerca dos direitos humanos e das suas vivências e a precariedade em que nelas vivem os indivíduos. Na terceira e última seção, apresento uma análise aprofundada sobre o sentido da vida referenciando teoricamente com a logoterapia e em contextualização com as pessoas em situação de rua. Por fim, apresento as considerações finais.

## O PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo apresentado é de natureza qualitativa, na medida em que, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, pois, de acordo com Minayo (1994), a pesquisa nessa modalidade,

Responde a questões muito particulares (...), ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de

variáveis. Minayo (1994, p.21).

É também centrado em uma pesquisa bibliográfica, que para Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações.

O artigo tem por objeto de estudo e pesquisa, o sentido da vida, como construtor do impulsionamento que conduz o sujeito a suportar as condições de sofrimento. Neste sentido, os estudos sociológicos contribuem para a compreensão dos principais fatores geradores da situação de rua, como também das dificuldades vivenciadas através deste contexto.

A priori foram utilizados artigos e livros que pudessem oferecer estudos e informações consistentes a respeito da exclusão e suas consequências a partir das teorias e reflexões dos autores Lenoir, Wanderley, Xiberras Hunter e Mazza. Os autores pesquisados e estudados trouxeram uma melhor compreensão a respeito das causas, processos e consequências que envolvem a dialética da exclusão.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi utilizada nos estudos para que pudéssemos traçar a real função dos conceitos de cidadania e dos direitos humanos, bem como a sua efetiva prática na sociedade contemporânea, juntamente com as conceituações de Engel e Castel, como bases para os estudos sobre a população de rua e a vulnerabilidade vivenciada cotidianamente. Para a explanação sobre o sentido da vida e da logoterapia, tomamos como

base principal as obras de Frankl e as teorias criadas por ele acerca da psicoterapia existencial, bem como de maneira abrangente os estudos sobre as motivações geradas pelos indivíduos para a sobrevivência em situações desfavoráveis.

## CONEXÕES TEÓRICAS

### SILÊNCIOS QUE FALAM: CONTEXTUALIZANDO A EXCLUSÃO

*Temos o direito de sermos iguais sempre que as diferenças nos inferiorizem; temos o direito de sermos diferentes sempre que a igualdade nos descaracterize. (Boaventura de S. Santos)*

Apesar de ser um tema comumente debatido nos meios acadêmicos, sociais, políticos e econômicos, a exclusão social ainda tem em suas raízes uma complexidade multifacetada e que pouco ainda consegue ser defendida. Compreendê-la e conceitua-la então, implica em contextualizar os principais fatores causadores desses processos, bem como considerar e perceber as conexões sociais que juntas fortalecem e geram a dialética dos processos de inclusão/exclusão.

A ideologia capitalista tem cada vez mais falseado a realidade e mascarado a legítima necessidade das classes desfavorecidas, através das políticas públicas de inclusão. No entanto, há uma expansiva falha da sua efetividade passando muitas vezes a um assistencialismo exacerbado, obviamente com boas intenções, mas que em grande parte não contribui para o processo de reestruturação, acompanhamento e reinserção dos excluídos na sociedade. Neste sentido, percebe-se uma violência simbólica enraizando essa problemática e atribuindo ao próprio indivíduo a culpa pela não adequação

aos processos normativos, éticos, morais e de desenvolvimento regidos pela sociedade.

Em contrapartida a esta função, René Lenoir (1974) apresentou a sociedade o estigma da exclusão, onde ele retira do indivíduo a culpa de estar à margem e recoloca-o as questões sociais, destacando principalmente o processo rápido e intenso da urbanização como gerador das desigualdades de renda em um processo de contínuo andamento, onde cada vez mais, variadas classes sociais são atingidas.

A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico (Sawaia, 2001, p. 8).

A exclusão é uma das principais epidemias que a modernidade tem gerado e sofrido, e que há muito tempo afastou-se da culpa exclusivamente econômica e tornou-se substancialmente uma problemática social, principalmente pela expansiva vulnerabilidade que estes indivíduos vivenciam cotidianamente.

Muito mais amplo do que isso, vemos no desenvolvimento e crescimento da sociedade um número assustador e cada vez mais crescente de pessoas a margem das políticas inclusivas.

O Brasil apesar de estar na posição de sétima economia do mundo, segundo o levantamento CEBR (Centre for Economics and Business Research) e também de acordo a pesquisa realizada pelo BCG (The Boston Consulting Group), que afirma uma queda

significativa de desigualdade social e ganho de bem-estar nos últimos cinco anos, permanecendo com números altos no que diz respeito à desigualdade de renda. Apresenta um pequeno progresso, porém a passos muito lentos, pois ainda há pessoas que somente são supridas nas necessidades mínimas de sobrevivência.

Xiberras (1993), afirma que a exclusão é resultante principalmente das dificuldades de integração e inserção das normas e níveis existentes nos processos sociais, onde alguns indivíduos não conseguem se adequar. Ainda segunda a autora, “as formas mais visíveis ou mais chocantes, do processo de exclusão residem da rejeição para fora das representações normalizantes da sociedade moderna avançada” (Xiberras, 2003, p.28).

Hunter (2000) define a exclusão como uma participação social inadequada do indivíduo, refletido numa falta de integração social e de energia, resultantes de múltiplas privações - falta de oportunidades pessoais, sociais, políticas ou financeiras.

Nem todos os indivíduos conseguem usufruir e ter a possibilidade de inserção dos benefícios e garantia dos devidos direitos oferecidos pela sociedade. O trabalho para o ser humano, além de garantir o seu sustento primário, fornece também o seu bem-estar psicológico, bem como a sua inserção na vida social e na vida familiar. Quando existe a ruptura e o desligamento do trabalho, e, a partir disso as dificuldades financeiras, o afastamento da vida social, e paralelamente, problemas familiares, o próprio indivíduo começa a perceber-se em rejeição e em desfavorecimento da utilização da própria cidadania.

Para Mazza (2005), a exclusão é,

[...] Um processo dinâmico, multidimensional, por meio do qual se nega aos indivíduos – por motivos de raça, etnia, gênero e outras características que os definem – o acesso a oportunidades e serviços de qualidade que lhes permitam viver produtivamente fora da pobreza (Mazza, 2005, p.183)

A pobreza é o último grau até o estado da miséria humana tida como uma condição de não detenção de benefícios financeiros para a população em geral, porém é percebido que no país a pobreza transcende tal definição. A representação da miséria está na carência da solidariedade, da dignidade, do desfavorecimento de uns em benefício de outros, na indiferença e principalmente na maneira desprezível de enxergar essa população.

As reflexões e discussões construídas ao longo do desenvolvimento da sociedade a respeito dos fatores precursores da exclusão trouxeram perspectivas amplas e demonstraram possíveis fatores que vinculados a diversas dimensões produzem e causam sua legitimação.

Ainda sobre a exclusão, Rogério Amaro (2003), afirma que existem três fatores contribuintes da exclusão, os fatores de ordem macro, meso e micro,

Os fatores de ordem macro são de natureza estrutural, na sua grande maioria, e estão relacionados com o funcionamento global das sociedades: tipo de sistema econômico, regras e imposições do sistema financeiro, modelo de desenvolvimento, estrutura e características das relações econômicas internacionais, valores e princípios sociais e ambientais dominantes,

paradigmas culturais, condicionantes do sistema político, atitudes e comportamentos face à Natureza, modelos de comunicação e de informação e processos de globalização. Os fatores de ordem meso são normalmente de âmbito mais local, situando-se no quadro das relações e das condições de proximidade que regulam e interferem no cotidiano dos indivíduos, como políticas autárquicas (se discriminatórias, no sentido negativo), características do mercado local de trabalho, modelos de funcionamento localizado dos organismos desconcentrados da Administração Pública, preconceitos sociais e culturais, normas e comportamentos locais. Os fatores de ordem micro situam-se ao nível individual e familiar e dependem de lacunas e fragilidades experimentadas nos percursos pessoais, de capacidades frustradas ou não valorizadas, de incidências negativas, etc. (Amaro).

É notória uma amplitude de fatores contribuintes para o processo de exclusão, o que implica na forma como o indivíduo administra seu papel enquanto cidadão e no que tange questões mais amplas de construção, cultura e funcionamento geral da sociedade que independem do “poder” do indivíduo. Desta forma a sociedade vem se habituando a ver outros seres humanos em condições subumanas como algo natural onde uns podem ter menos para que outros tenham mais. A verdade é que existe pouca priorização e iniciativa no que diz respeito à compreensão das raízes desta causa e uma aceitação acerca disso sem objeções. De

certo, tudo isto é resultado de um sistema social geral em mau uso e que infelizmente tem trazido consequências alarmantes para a sociedade.

## DIREITOS HUMANOS E VIVÊNCIAS DA POPULAÇÃO DE RUA

*A rua, concreta, discreta, nos mostra a frieza da sociedade. E a tristeza de um povo esquecido[...]*  
(Mariana Zayat).

Dos muitos desafios vivenciados cotidianamente pela população de rua, o reconhecimento enquanto cidadão integral é o que exige maior esforço dos poderes públicos. Quando se trata da garantia dos direitos daqueles que por hora, não podem cumprir com seus deveres coletivos e individuais (por viverem nas ruas), a sociedade passa a não valorizar e não considerar a importância e a necessidade da efetiva atuação de políticas garantidoras dos direitos a estes indivíduos.

A Organização das Nações Unidas (ONU) em dezembro de 1948, adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, para que a partir desta, todos os indivíduos pudessem usufruir dos seus direitos e exercer o seu papel diante dos deveres previstos pela lei, na sociedade. Segundo a Declaração:

Artigo XXV; Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle.

A Constituição Federal de 1988, em seu

Artigo 5<sup>a</sup> também estabelece que todos somos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, não podendo ser violado o direito à vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade. Tudo deve ser cumprido independente da cor, raça, religião, condição social ou econômica. Mas esses direitos são violados cotidianamente, quando as políticas de inclusão não conseguem abarcar a população que necessitam de uma garantia mínima de sobrevivência - indivíduos que convivem com a ausência de segurança e prevenção, vítimas de discriminação e estigmatização negativa, como as pessoas em situação de rua.

Para Marshall (1967, p. 76), a cidadania é “um status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem status são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao status”. O status referenciado por Marshall está relacionado ao título de direitos que todo indivíduo possui, modificado de acordo as condições atuais ao que o título é dado, dividido em direitos civis, políticos e sociais.

Os direitos civis são aqueles relacionados à necessidade de liberdade individual, de ir e vir, de imprensa, de pensamento, de religião, do direito dos contratos sociais e o direito à justiça. Já os direitos políticos garantem à participação na vida política como membro de um organismo ou instituição ou como eleitor dos membros. Assim, direitos sociais abrangem o direito mínimo do bem-estar, econômico, de segurança, de garantias de convivência e de padrões de vida, com o propósito de que todos os indivíduos estejam inseridos numa dinâmica social.

Marshall (1967) acredita que para que esses direitos sejam efetivos são necessários que

o sistema educacional e o sistema de serviço social de cada estado ou união sejam os principais garantidores da funcionalidade desses direitos. Infelizmente, mas não de modo geral, o papel desses dois sistemas tem encontrado barreiras que dificultam o seu processo de efetivação, o não acesso a escola gera muitas vezes o não conhecimento dos direitos de cidadania, o que dificulta a inserção do indivíduo no mercado de trabalho e na convivência social.

Os direitos à população de rua estão reafirmados na Cartilha de Formação do Movimento Nacional da População de Rua, e servem para garantir a “dignidade humana, impedindo que as pessoas sofram algum tipo de humilhação ou situação degradante”. De acordo a Cartilha, os setores públicos devem construir políticas públicas voltadas para uma melhor redistribuição de renda, ampliação dos direitos do cidadão e democratização da sociedade, assim como, a própria população de rua deve se mobilizar, conhecer os direitos e lutar pela sua dignidade. Como qualquer outro indivíduo que tem um trabalho, uma residência, uma família, que cumpre com seus deveres e tem os seus direitos preservados, o indivíduo em situação de rua, também deve realizar os seus deveres e ter seus direitos garantidos, cumprindo o seu papel de cidadão.

Não é regra que todas as pessoas em situação de rua sofrem pela ausência do acompanhamento da vigilância e dos cuidados básicos, pois ainda existem lugares onde os direitos são prevalecidos e efetivos, as medidas sociais são bastante ativas, e os próprios indivíduos organizam-se e lutam por uma boa qualidade de vida nas ruas.

Apesar das consequências negativas

trazidas pela contemporaneidade capitalista, a sociedade em boa parte encontra-se em processo de restituição dos valores humanos, até mesmo pelas discussões cada vez maiores a respeito dos processos excludentes. Apesar dos estigmas que tornam invisíveis as pessoas em situação de rua, há o desejo de acolhimento, integração e reinserção desses indivíduos à sociedade.

A população brasileira tem se confrontado cada vez mais com o grande e crescente número de indivíduos alojados nas esquinas das ruas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), no Brasil há cerca de 192 milhões de habitantes, sendo entre 0,6% a 1% população de rua. Em números, este dado significa que há até 1,8 milhões de pessoas nesta situação em todo o território brasileiro.

Mas afinal, o que isto representa? O que contribui para o aumento desse quadro social? Ainda pouco definida e reconhecida, esta população representa o mais concreto antagonismo do avanço desordenado da urbanização e do capitalismo. De um lado grandes mansões, carros de primeira linha, escolas caríssimas e de altíssimo padrão e do outro o grande contraste social: a existência de pessoas vivendo no chão de calçada, fazendo do concreto as suas camas sem saber ao mínimo sobre a próxima refeição. De acordo com Silva (2006);

[...] pode-se dizer que o fenômeno população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos grandes centros urbanos,

sendo que as pessoas por ele atingidas são estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade. É um fenômeno que tem características gerais, porém possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No Brasil, essas particularidades são bem definidas. Há uma tendência à naturalização do fenômeno, que no país se faz acompanhada da quase inexistência de dados e informações científicas sobre o mesmo e da inexistência de políticas públicas para enfrentá-lo (Silva, 2006, p.95).

A agregação dos fatores como o desemprego, os vínculos familiares fragilizados ou perdidos, a dependência química, o desajuste social, os problemas psicológicos, são os grandes geradores da migração dos indivíduos para as ruas. A sociedade por sua vez, ainda não tem conseguido voltar totalmente seus olhos para uma relação mais íntima com essa população, um desconhecimento que causa nesses indivíduos uma percepção de vida sem utilidade, de fracasso, medo, revolta, ausência de expectativas e perspectivas e até mesmo a perda da própria identidade.

A família representa a base primária constituinte dos vínculos morais e afetivos, onde a partir dela são gerados, estabelecidos e transmitidos os principais papéis que possibilitam e sustentam o indivíduo no exercício da sua existência na sociedade. Quando as condições familiares não estão favoráveis, os vínculos afetivos muitas vezes tornam-se fragilizados contribuindo para a vulnerabilidade do indivíduo ao total rompimento com a

família, o que o faz buscar na rua um espaço onde ele possa construir outros vínculos, com pessoas em situações parecidas, mesmo diante da precariedade.

Diante desses aspectos, os indivíduos ainda vivenciam a pior de todas as sensações: a de invisibilidade. Não pelo fato de não conseguirem ter acessos aos seus devidos direitos, ou, de passarem despercebidos pelas demais pessoas, mas principalmente de não estarem incluídos nas medidas protetivas, e nas políticas de prevenção e promoção. Estão ali invisíveis ao Estado, vivenciando a mais absurda degradação humana.

Para Engel (2010), destacam-se duas causas fundamentais: a primeira, reflexo da desestruturação psicoafetiva em seu desenvolvimento e, a segunda, pelos valores sociais (econômico político e religioso).

Nesta perspectiva, assim como a precariedade é a frente sensível e aparentemente em expansão no que se refere ao emprego, assim também a fragilização da estrutura familiar, medida pelos índices precedentes, circunscreve uma zona de vulnerabilidade relacional, sobretudo para as famílias mais desprovidas, que não têm necessidade de ser uma forma universal para transportar consigo efeitos sociais destrutivos. Ela representa uma correnteza que, ao misturar-se com outras águas, alimenta o viveiro da desfiliação (Castel, 1994, p. 42).

Além da bagagem trazida nas costas pelo sofrimento social, a população de rua ainda vivencia cotidianamente a violação do direito à vida, pois muitos deles já sofreram algum tipo

de agressão física e mesmo verbal.

Contudo, a realidade atual não faz desta, uma causa remediada e findada. Precisa-se ainda que a sociedade conheça as histórias dos indivíduos, compreenda os motivos e desmistifique os medos. Talvez esta possa ser o início de um grande passo para devolvê-los a dignidade humana, e trazer-lhes esperança de um simples bem existir, diante da dificuldade em que vivem.

## LOGOTERAPIA E SENTIDO DA VIDA

Fazer das ruas a sua própria casa pode não ter uma conotação tão forte para os que vivem nessa condição. Alguns talvez já estejam engessados com o cotidiano das ruas, outros ainda, podem estar à procura de algo que justifique suas chegadas até ali, e, há aqueles que ainda vivem numa constante luta para sair das ruas e reconquistar a liberdade de ser um cidadão.

A partir da terrível experiência no campo de concentração, Viktor Frankl trouxe para a sociedade novos paradigmas a respeito do homem e das suas motivações, propondo então, uma dimensão intensa de experiência e exploração imediata do indivíduo com o sentido da vida, através dos preceitos da Logoterapia elaborados pelo psiquiatra.

## VONTADE DE SENTIDO

O sentido da vida é uma possibilidade estritamente humana, pois só o homem é capaz de atribuir significados aos acontecimentos e as relações existentes em sua vida. O sentido da vida é impulsionado através da vontade de sentido. Frankl retrata a respeito da vontade de sentido como a motivação primária existente em todo ser humano, servindo como grande

impulsionador na busca para a auto-realização, mesmo que em um plano abstrato, como nas relações afetivas.

Para a Logoterapia, a busca do sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora no ser humano. A Logoterapia é considerada e desenhada como uma terapia centrada no sentido. Vê o homem como um ser orientado para o sentido. (Frankl, 2005, pg. 92).

A vontade de sentido pode ser descoberta e encontrada também a partir do sofrimento e da maneira como o indivíduo enfrenta e atribui significados a cada situação vivenciada. O que significa afirmar, que a situação de rua, dependendo da forma como cada sujeito a encara e lhe atribui significados, pode também servir como força impulsionadora.

Cada ser humano particular constitui algo único, e cada situação na vida só ocorre uma vez. [...] Desta “maneira, cada homem, em seus momentos específicos, só pode ter uma tarefa”. [...] Mas, essa singularidade mesma constitui o caráter absoluto de seu dever (Frankl, 2003, p. 46).

Neste contexto, a vontade de sentido se apresenta como orientadora para a realização e concretude do sentido, ela busca finalidade e propósito a vida e ao que está sendo vivenciado pelo indivíduo, da mesma forma que proporciona explicações para a existência. O conhecimento do sentido é singular e surge de acordo à forma como cada sujeito atribui significados as suas vivências, fazendo-o suportar qualquer circunstância, seja ela favorável ou não.

## VAZIO E FRUSTRAÇÃO EXISTENCIAL

Frankl sempre acreditou e enfatizou a relevância do sentido na vida do ser humano, no entanto, o psiquiatra retratou também que muitos indivíduos ao questionar-se a respeito do significado da sua existência, sentiam-se frustrados. A contemporaneidade tem contribuído para as frustrações existenciais, já que nem todo indivíduo consegue se integrar, nos diversos âmbitos e relações da sociedade.

De acordo a Frankl (1991), o vazio existencial se manifesta por meio da falta de interesse e da indiferença, o que pode ocasionar transtornos psicossociais e até mesmo o suicídio, fenômenos que tem caracterizado a forma como a sociedade tem constituído o seu desenvolvimento.

A ausência de sentido construída a partir das limitações e impossibilidades que todo ser humano vivencia, produz a frustração, que para Frankl (1991, p. 25) é àquilo que é frustrado no homem sempre que ele é tomado pelo sentimento de falta de sentido e de vazio. A frustração tem influência sobre o bem-estar psicológico e social, uma vez que não tendo sentidos e motivos a seguir, não há porque aderir as normais sociais, o que pode provocar também comportamentos inadequados.

Nesse sentido, através da frustração, a o impedimento que o indivíduo vivencie e ultrapasse as condições desfavoráveis, pelo fato de não perceber motivos e propósitos que o impulsione e o faça encontrar perspectivas favorecedoras, gerando nos indivíduos incapacidades e sentimentos de inferioridade, diminuindo o seu desejo de vida.

## SITUAÇÃO DE RUA E SENTIDO

Para a Logoterapia, todo indivíduo, incluindo os que estão em situação de rua

possuem uma vontade de sentido, e todos podem descobri-lo através do que Frankl (1985), designou de três vias: o trabalho ou a prática de algum ato; a experimentação de algo ou encontro com alguém; e a atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável.

O trabalho como primeira via, exerce papel de responsabilidade nas respostas ao sentido da vida, pois desde sempre ele representou para a sociedade o caminho para inclusão no sistema social, concretização de sonhos, possibilidade de demonstração de capacidade e utilidade, auto-realização e bem-estar familiar.

Dessa maneira, a existência e sustentação do ser dependem do trabalho e quando, por motivos sociais, culturais, econômicos, entre outros já mencionados, o indivíduo não consegue encontrar-se no trabalho ou mesmo fazer parte dele, há vulnerabilidade ao processo de exclusão e, a ausência de sentido, é ainda maior. Para Angerami (2007, p.36),

O homem é aniquilado e acachapado pelo sistema social, que o torna mero mecanismo desprovido de todo e qualquer sentido existencial. O sistema social que o desumaniza, por outro lado, foi sedimentado por ele próprio, e, dessa forma, sua destruição é feita apenas e tão somente por si mesmo.

Angerami (2007, pg.36) designa o homem como construtor do próprio meio que o faz vítima e que o destrói, e por esta incongruência existente entre o trabalho que se realiza e aquilo que se tem de retorno, é que provoca muitas vezes a insatisfação, a desmotivação e a perda do sentido existencial. Por este motivo, o trabalho representa em termos mais amplos, sentidos extensos na vida

humana, da mesma forma, que a ausência dele, retira a atribuição de significados positivos que de maneira geral, serviria como motivo impulsionador.

Como segunda via, o indivíduo pode encontrar a descoberta do sentido através da experimentação da bondade, da caridade, do desfrute da natureza, bem como, no encontro com alguém para amar e desfrutar do amor.

A verdade de que o amor é o derradeiro e mais alto objetivo a que o homem pode aspirar. Então captei o sentido do maior segredo que a poesia humana e o pensamento humano têm a transmitir: a salvação do homem é através do amor e no amor. Compreendi como um homem a quem nada foi deixado neste mundo pode ainda conhecer a bem-aventurança, ainda que seja apenas por um breve momento, na contemplação da sua bem-amada (Frankl, 1992).

A situação de rua não é desfavorável a capacidade de amar, e apesar de estar vivenciando momentos de incertezas, vulnerabilidade, medo, sofrimento, e muitas vezes desespero, o amor pela família, esteja ela, na mesma situação de rua, ou distante e com os laços fragilizados, consegue resgatar forças e sentidos na vida dos indivíduos. Segundo Frankl (1992) mesmo diante das dificuldades e contingências da vida humana, quando se há possibilidade de amar e ser amado, há a capacidade também de suportar qualquer circunstância.

A terceira via para descobrir o sentido da vida é através da forma como agimos diante o sofrimento. Muitas vezes o ser humano é surpreendido por situações desfavoráveis que os

levam as diversas indagações e anseios por respostas esclarecedoras que sirvam como justificativas para tamanho sofrimento.

Nessa busca do sentido da vida, o indivíduo depara-se com as mais diversas dificuldades, fazendo com que a existência seja permeada de obstáculos a serem vencidos e que, na grande maioria das vezes, lhes dão uma dimensão irreal dos fatos e fenômenos da existência. (Angerami-Camon 2007, pg. 36).

A forma como o indivíduo ultrapassa esses obstáculos, conduz o sofrimento e tomam decisões a partir dele, é o que em sua essência terá um significado. É através da dor que o homem depara consigo mesmo, enfrenta-se, e ultrapassa seus próprios limites. Para Frankl (2001, p.190), “o sofrimento não é simplesmente uma possibilidade qualquer, mas a possibilidade de realizar o valor supremo, a oportunidade de dar plenitude ao significado mais profundo da vida”.

Frankl também estabeleceu que a ausência de sentido é o que leva muitas vezes os indivíduos a não suportarem situações de sofrimento e a tomarem decisões definitivas contra suas próprias vidas. Foi na prática de atendimento a pacientes que passavam por tais circunstâncias que o psiquiatra pode indagar quais são as motivações para a possibilidade do suicídio.

A frustração também pode levar o indivíduo a tirar a própria vida e apesar de não haver dados significativos a respeito do suicídio com pessoas em situação de rua, (isto não descarta essa possibilidade), é considerado que para essas pessoas, assim como para outras em situações diferentes, há o enfrentamento do

sofrimento e da dor, e a não prática do suicídio representa de alguma forma um sentido ou significado que o impede de praticá-lo.

De acordo com a Logoterapia (Frankl, 2005), o homem tem um sentido que ultrapassa qualquer compreensão da sua capacidade intelectual, fazendo com que haja confiança naquilo que não se vê, e principalmente, acredita-se em um retorno de algo/alguém que fará com que o sofrimento seja extinto, como a fé religiosa, que está além da finitude humana. Muitos indivíduos acreditam em um Deus, em uma força maior, ou em alguma religião e que independente da situação vivenciada pelo indivíduo, como a de rua, faz com que haja impulsionamento, motivação e sentido nas suas vidas.

Mattos (2003) em sua pesquisa a respeito das representações sociais das pessoas em situação de rua, afirma:

Identificamos outro tipo de discurso que permeia as relações entre essas pessoas e os domiciliados, o discurso religioso [...] Assim, a situação de rua passa a ser vista como uma condição de regeneração da alma. Mesmo existindo uma sincera piedade, o aspecto pernicioso que atua subjacente a esta concepção é o de contribuir para a construção da identidade do indivíduo em situação de rua como alguém inferior e digno de pena por suas mazelas, além de ser uma crença que dificulta a criação de possibilidades para estes indivíduos conquistarem suas saídas das ruas. É uma visão que favorece ações meramente assistencialistas e paliativas, o que, provavelmente, tende a manter o

problema.

Há na fé religiosa, a justificativa dos acontecimentos em suas vidas, pois o saber do humano a respeito da sua vulnerabilidade ao sofrimento, a morte e enfim, da sua finitude, faz com que muitos deles suportem as circunstâncias, pela crença em algo melhor posteriormente. Os indivíduos que tomam isso naturalmente como base de enfrentamento e distanciamento das angústias, mesmo vivenciando problema e sofrimento, e mesmo independente a seu poder de solução, há um encontro do indivíduo com um melhor entendimento (mesmo quando não há aceitação), e com um menor sofrimento da situação vivenciada.

A rua despotencializa o poder que o indivíduo tem de resgatar por ele mesmo o sentido das suas vidas, no entanto, nada está isento de sentido. Mesmo quando as experiências são de sofrimento, decepções e frustrações há sempre a possibilidade do encontro com sua história, com suas expectativas, com o outro e com as significações que variadas vezes é introduzida ocultamente, mas que, através do conhecimento do sentido, é possível enxergá-las.

## REFLEXÕES FINAIS

A situação de rua é um dos maiores empecilhos existenciais que um indivíduo pode vivenciar, no entanto, mesmo imerso nesse sofrimento, o sentido da vida ainda pode prevalecer enquanto força motivadora para a superação. O sentido da vida é adquirido e formado pelo ser humano ao longo das suas experiências e a partir das significações atribuídas a partir das experiências. Diferentemente dos outros seres, o ser humano

não consegue quando ainda recém-nascido, ter a capacidade de superar suas necessidades sozinho, há sempre alguém a lhe ajudar. Desta forma, desde quando nasce os indivíduos tem que aprender a lidar com as dificuldades e também com a necessidade de depender-se de outros e da convivência social.

Essa convivência constrói relações afetivas e também significados as suas escolhas, que poderão também fazer com que o indivíduo depare-se com suas incapacidades e dificuldades, que aparece no indivíduo como a possibilidade de desafio e também superação. Independente da condição física, sociocultural, econômica ou psíquica, todo sujeito é passivo de encontrar e descobrir o sentido da sua vida. A própria experiência do sofrimento também produz no indivíduo a capacidade de facilitar a sua compreensão sobre este sentido através da forma encontrada por ele para lidar com a dificuldade vivida.

A Logoterapia como ciência ainda em desenvolvimento e expansão, traz reflexões sobre o homem em uma perspectiva voltada para seu grande elaborador: Viktor Frankl. Buscou-se através dessa pesquisa, compreender a forma como o sentido pode potencializar o impulsionamento capaz de fazê-lo ultrapassar as condições desfavoráveis, como a situação de rua e restabelecer forças de enfrentamento. O ser humano vive a procura de sentido a todo o momento, e em diversas circunstâncias, sejam elas positivas ou não, e é isso que faz com que o indivíduo encontre sua liberdade, transcenda e evolua em sua existencialidade.

Neste sentido, o artigo procurou compreender de acordo a logoterapia, a forma como o ser humano se adéqua as condições de sofrimento e dificuldades, por haver um sentido

servindo de alicerce para suportar tais circunstâncias. A logoterapia traz uma perspectiva humanizadora e acolhedora da história de vida de cada um, considerando aquilo que ele reservou de mais especial e que constitui o sentido da vida.

As relações de afeto construídas ao longo de cada história, permanecidas ou deixadas para trás, a religiosidade e também a possibilidade de mudanças favoráveis, permeiam o sentido da vida dos indivíduos que sofrem as dificuldades da rua. A possibilidade do encontro com o sentido, sempre farão parte da história do sujeito, mesmo que o significado atribuído seja modificado ao longo do tempo. Dessa forma, todos esses significados tornam o indivíduo não apenas expectador e aceitante da própria miséria, mas também como potencializador dos impulsos que fornecem ao indivíduo a capacidade de superação e o impede de, por exemplo, ceifar a própria vida.

Durante sua produção, ocorreram dificuldades de encontrar materiais teóricos e estatísticos a respeito da população de rua, das políticas públicas voltadas a ela e das leis específicas, fazendo então, com que a pesquisa desta população fosse abordada de maneira geral e ampla. Da mesma forma, por ser uma temática ainda em crescimento, houve também dificuldades de encontrar materiais a respeito da Logoterapia, contudo, as dificuldades não foram empecilhos para a construção.

Apesar das dificuldades encontradas, esta investigação intensificou o desejo de ainda mais poder investigar e aprofundar as pesquisas e estudos acerca das questões sociais explícitas, bem como das que implicitamente desestabiliza o indivíduo e o tira do eixo social. A proposta da pesquisa a respeito da exclusão trouxe

subsídios agregadores de conhecimento e | construção do artigo.  
informações necessárias a amplitude e

## REFERÊNCIAS

- Amaro, R.R. (coord.). (1992). *Iniciativas de Desenvolvimento Local - Caracterização de Alguns Exemplos*, Lisboa: ISCTE-IEFP.
- Amaro, R.R. (coord.). (1999). *Projecto Le Cheile - Análise das Necessidades e das Potencialidades da Freguesia de Santa Marinha (Concelho de Vila Nova de Gaia), Numa Perspectiva de Criação de Emprego e de Desenvolvimento Local*, Lisboa: Proact-ISCTE/Cruz Vermelha Portuguesa: Porto.
- Amaro, R.R. (coord.). (2003). *A luta contra a Pobreza e exclusão social em Portugal, Experiências do Programa Nacional de Luta Contra a pobreza*, Genebra: Bureau Internacional do Trabalho, Programa Estratégias e Técnicas contra a Exclusão Social e a Pobreza.
- Amaro, R.R. *A exclusão Social Hoje*. ISTA, (9). Obtido em 26/05/2014. Recuperado em: [http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad\\_09/amaro.html](http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/amaro.html).
- Angerami-Camon, V.A. (2007). *Psicoterapia Existencial*. São Paulo: Thomson Learning Brasil. (4ª.ed.)
- Arruda, P.L. (2014). *Perspectivas Emergentes na Era pós-Objetivos de Desenvolvimento do Milênio*. Brasília. Obtido em 25/05/2014. Recuperado de <http://pressroom.ipc-undp.org/distribuicao-de-renda-e-inclusao-colocam-obrasil-em-primeiro-lugar-em-bem-estar/?lang=pt-br>.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).
- Brasil. *Cartilha dos Direitos dos Moradores de rua*. Obtido em 01/05/2014. Disponível em: [http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/secretaria-nacional-de-assistencia-social-snas/cartilhas/inclusão-das-pessoas-em-situacao-de-rua-no-cadastro-unico-para-programas-sociais-do-governo-federal/01-cartilha-inclus-o-das-pessoas-dez.pdf](http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/secretaria-nacional-de-assistencia-social-snas/cartilhas/inclusao-das-pessoas-em-situacao-de-rua-no-cadastro-unico-para-programas-sociais-do-governo-federal/01-cartilha-inclus-o-das-pessoas-dez.pdf).
- Castel, R. (2013). Da indignância à exclusão, a desfiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional. Em: Lancetti, A. (Org.). *Saudeloucura4: grupos e coletivos* (21-48). São Paulo: HUCITEC.
- CEBR. (2013). *World Economic League Table Report*. Recuperado de <http://www.cebr.com/reports/world-economic-league-table-report/>.
- Engel, A. (2010). *Moradores em situação de Rua: uma leitura segundo a psicologia corporal*. Monografia de especialização, Centro Reichiano de Curitiba. Curitiba, Paraná.
- Frankl, V.E. (1985). *Em busca de sentido* [trad. W. Schlupp]. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V.E. (1988). *The willtomeaning*. New York: Meridian Books. (Trechos neste trabalho traduzidos por Ivo Studart Pereira).
- Frankl, V.E. (1991). *A psicoterapia na prática* [trad. C. M. Caon]. Campinas: Papirus.

- Frankl, V.E. (1992). *Psicoanálise y existencialismo: de la psicoterapia a la logoterapia* [trad. C. Silva & J. Mendoza]. México: Fondo de Cultura Económica.
- Frankl, V.E. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida* [trad. A. M. Castro]. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V.E. (2005). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. (21ª. ed.) Petrópolis. Editora Vozes.
- Hunter, B.H. (2000). Social exclusion, social capital, and indigenous Australians: measuring the social costs of unemployment. Centre for Aboriginal Economic Policy Research. *Discussion Paper*, 204, pp. 1-41.
- Lenoir, R. (1974). *Les Exclus: Un Français sur 10*. Paris: Du Seuil.
- Marconi, M.A. & Lakatos, E.M. (1992). *Metodologia do trabalho científico*. (4ª.ed.). São Paulo: Atlas.
- Marshall, T.H. (1967). *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Mazza, J. (2005). Inclusão social, mercados de trabalho e capital humano na América Latina. Em M. Buvinic; Mazza, J. & Deutsch, R. (Orgs.). *Inclusão social e desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Novaes, C.E. (2003). *Cidadania para principiantes: a história dos direitos do homem*. São Paulo: Ática.
- Mattos, R.M. & Ferreira, R.F. (2004). Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicologia & Sociedade*; 16 (2), pp. 47-58. Obtido em 23/04/2014. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a07v16n2>.
- ONU. *Declaração Universal dos Direitos Humanos. Artigo XXV. 1948*. Obtido em 15/05/2014. Recuperado de [http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm).
- Pereira, I. S. (2007). A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 18(1).
- Sawaia, B. (2001). Introdução: exclusão ou inclusão perversa? Em B. Sawaia (org.). *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Xiberras, M. (1993). *As teorias da Exclusão. Para a construção do imaginário do desvio*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Wanderley, M.B. (2001). Refletindo sobre a noção de exclusão. Em B. Sawaia (org.). *As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001.

Enviado em: 13/05/2016

Aceito em: 01/12/2016

## SOBRE OS AUTORES

**Lívia dos Santos Campos.** Psicóloga, Pós-Graduação em Saúde Mental com ênfase em Equipes Multidisciplinares, Curso Extensivo de Capacitação em Psicopatologia da Infância e Adolescência, Curso sobre Práticas baseadas em evidências para avaliação e atendimento psicológico de crianças e adolescentes em situação de violência sexual, Curso SUPERA (Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e acompanhamento) da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas - SENAD, do Ministério da Justiça, 6ª Edição, Curso de curta duração em Urgência e Emergência.

**Luane Seixas Pereira Cunha.** Possui graduação em Psicologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências - Jequié/BA (2011). Docente do Curso de Psicologia da FTC-Jequié.